https://doi.org/10.53000/cma.v33i00.20310

A armadilha do bolsonarismo e os limites do lulismo

VALÉRIO ARCARY
São Paulo: Usina Editorial, 2024, 334 p.

*Pedro Narciso**

No fim do ano de 2024 veio a público, pela Usina Editorial, o livro *A Armadilha do Bolsonarismo e os Limites do Lulismo*, de Valério Arcary. Trata-se de uma coletânea de textos redigidos entre 2023 e 2024 e já publicados nos mais conhecidos portais que compõem a arena de debates da esquerda brasileira, tais como a Revista Fórum, Opera Mundi, A Terra é Redonda, Outras Palavras, Brasil de Fato e, claro, o Portal Esquerda Online, veículo da corrente Resistência, do PSOL, organização política da qual faz parte o autor.

Os textos que compõem a obra estão coligidos em três partes. A primeira, intitulada *O ano um do governo Lula III: Uma análise marxista,* é a que efetivamente se relaciona com o conteúdo anunciado no título do livro, contendo avaliações, ponderações e apontamentos sobre os caminhos do governo Lula e da luta contra o bolsonarismo. A segunda parte da obra – *Crise geopolítica, Guerra na Ucrânia e eleições na Argentina* – tem como eixo temático principal o cenário político global, trazendo considerações sobre o caráter da guerra na Ucrânia e o significado da ascensão de Javier Milei na Argentina, casos que, a partir da argumentação

* Doutorando em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: pedro_felipenarciso@hotmail.com

do autor, apontam para um debate de fundo sobre a crise/decadência do modo de produção capitalista e os meios conceituais que permitem a sua mais acurada observação. Na terceira e última parte – *Teoria e História da classe trabalhadora* – o autor apresenta uma série de textos que versam sobre temas, acontecimentos e personalidades atinentes à história do movimento socialista, especialmente, a partir da sua tradição trotskista.

Sobre o bolsonarismo, podemos destacar duas teses principais contidas no livro. A primeira é a que corrobora com a definição do bolsonarismo como um movimento neofascista. A segunda é a que frisa o caráter insurrecional dos atentados do dia 8 de janeiro na Praça dos Três Poderes: fora um assalto ao poder, uma semi-insurreição. Frisamos, aqui, essas duas teses, pois é com essa caracterização nuclear sobre o bolsonarismo que o autor desdobra os meios pelos quais este deve ser combatido.

Diante dessa caracterização do movimento bolsonarista e da radicalidade dos atos perpetrados por este, Arcary destaca como tarefa imediata principal de toda a esquerda a derrota da extrema-direita. Nesse sentido, o autor preconiza que um "governo a frio" não pode trazer bons prognósticos à esquerda, pois ainda que a correlação política de forças, que era desfavorável desde 2016, tenha se invertido, a correlação social de forças pouco mudou.

Para alterar essa correlação social desfavorável, o autor aponta como postura fundamental a confiança na mobilização popular para fazer o enfrentamento "a quente" do bolsonarismo. Nesse contexto, dois objetivos principais deveriam ser perseguidos: a) a punição exemplar de todos os envolvidos nos atos do dia 8 de janeiro, principalmente de Bolsonaro e seus asseclas, com destaque para os militares de alta patente. A palavra de ordem deve ser: sem anistia; e b) a adoção de medidas econômicas que impactem positivamente na vida da classe trabalhadora como um todo, tanto os pobres, quanto os remediados (esses últimos constituem uma parcela da classe trabalhadora que, nas indicações bastante genéricas presentes no texto, muito se parece, em outros termos, com a baixa classe média).

Segundo Arcary, a simples manutenção da fidelidade eleitoral das massas empobrecidas é, ainda que fundamental, insuficiente. Mais do que isso, seria necessário disputar os remediados que viraram à direita. Para tal, o autor aponta a um caminho no qual o governo empenha-se com sucesso na obtenção de um conjunto de resultados, tais como: a) uma educação pública de qualidade; b) um SUS de qualidade; c) a redução do imposto sobre a renda dessa já citada parcela da população; d) a legalização do aborto e das drogas; e) a ampliação de cotas no serviço público; e f) a reforma agrária.

A partir dessa avaliação do caráter do movimento bolsonarista e do governo Lula III, bem como das tarefas que devem ser levadas a cabo por este, Arcary expõe os debates que têm comandado o PSOL e como o partido tem se inserido no contexto político atual. Internamente, o partido divide-se em duas grandes alas: aquela que aponta como inimigo absoluto, imediato e principal a extrema-

direita e aquela que receia uma relação de ainda mais proximidade com o Partido dos Trabalhadores, que poderia transformar o PSOL em seu partido satélite. Do conflito entre tais posições emerge a linha política que atualmente orienta a ação do partido no cenário nacional, sustentando a unidade entre as diferentes correntes: apoiar incondicionalmente o governo Lula na luta contra o neofascismo sem participar do governo. As principais razões expostas para fundamentar e justificar essa linha política são: a) O governo Lula III é um governo de frente ampla com participação de segmentos da burguesia; b) O PSOL deve fazer a discussão aberta no Congresso Nacional, de fora para dentro e de baixo para cima; e c) O PSOL deve priorizar o trabalho de base.

Na parte subsequente, que trata de política internacional, o autor procura indicar e destacar conceitos que tratam de simultaneidades históricas que se desenvolvem em ritmos distintos, a saber: épocas, etapas, situações e conjunturas. No que tange ao mais longo alcance, o autor advoga a tese de que o capitalismo se encontra em uma época de longa e lenta decadência. Uma tese polêmica e, ainda, de difícil demonstração.

Outra tese polêmica que o autor preconiza refere-se à avaliação sobre a guerra na Ucrânia, que retorna a crítica trotskista ao assim chamado "campismo". Arcary considera a ocupação de parte do território Ucraniano uma provocação preventiva por parte da Rússia, considerando que a resistência de Kiev fora justa em seu começo, porém, acabou sendo capturada pela OTAN, mudando assim o caráter de guerra justa da resistência ucraniana para uma guerra interimperialista entre Rússia e OTAN. Nessa caracterização, a Rússia aparece como país imperialista à margem do sistema. A avaliação sobre a inserção russa no cenário internacional traz ao debate elementos importantes que devem ser considerados em uma investigação sobre o assunto, tais como: a) a inserção histórica na etapa anterior, b) a dimensão econômica do país, c) a sua força militar e d) as suas alianças de longa duração. O que é menos convincente na exposição de Arcary é a tese da presença tardia da OTAN no conflito, que desconsidera os acirramentos internos que vêm ocorrendo pelo menos desde o ano de 2014 entre os segmentos alinhados à Rússia e à União Europeia (com suporte da OTAN) e que desencadearam em uma guerra civil no país.

Na terceira e última parte o autor trata de diversos temas atinentes à história do movimento socialista no Brasil e no mundo. Com a intenção de oferecer um panorama do conteúdo, citamos a seguir alguns dos temas abordados: Junho de 2013, a questão do momento da tomada do poder, os diversos tempos da transição histórica, homenagens a Marx, Engels e Trotsky, avaliações acerca da Revolução dos Cravos, da campanha Diretas Já, do impacto da fundação da IV Internacional, entre outros temas diversos.

Em seu conjunto trata-se de uma obra de propaganda, no melhor sentido do termo. O público-alvo são os militantes e simpatizantes da causa socialista. O objetivo principal é conquistar posições num campo em que as ideias, orientando a

prática de homens e mulheres organizados em torno delas, ganham força material intervindo nos rumos de nosso tempo. Concordemos ou discordemos de algumas das ideias do autor, é necessário lê-lo e debatê-lo, pois aqui estão indicados os temas candentes do nosso presente político.